

Agudás do Benim – os africanos com “maneiras de branco”

Milton Guran*



Celebração de N. S. do Bonfim, Catedral de Porto Novo, Benim, janeiro de 1995.

“*Acontece que são baianos.*” Assim, Gilberto Freyre descreveu os “brasileiros” do golfo do Benim, na costa ocidental da África. De fato, esta região da África constitui um exemplo único de implantação de uma cultura brasileira fora de nossas fronteiras, pois não se trata de uma colônia de brasileiros, como acontece em muitos países, mas de todo um grupo social que se reconhece como brasileiro, e utiliza esta condição para se articular com o conjunto da sociedade.

Os “brasileiros” do Benim, Togo e Nigéria, também conhecidos como *agudás*, nas línguas locais, são descendentes dos antigos escravos do Brasil que retornaram à África no século passado e dos comerciantes baianos lá estabelecidos nos séculos XVIII e XIX. Libertos no Brasil, esses retornados foram recebidos como ainda escravos pelas sociedades que os haviam enviado para a escravidão. Foi a partir da memória do tempo vivido no Brasil e da experiência aqui adquirida – as “maneiras de branco” – que eles construíram uma nova identidade social, reivindicando-se como “brasileiros”, e se assimilando aos brasileiros que já viviam naquela região. Essas “maneiras de branco”, é importante destacar, vão muito além da aparência física, incluem sobretudo o domínio de uma língua de expressão universal, muita vezes na fala e na escrita, o treinamento em vários ofícios tais como construção civil, marcenaria, carpintaria, alfaiataria, produção agrícola, administração comercial, e, principalmente, uma mentalidade capitalista. Essas qualidades foram fundamentais para fazer a substituição do tráfico negreiro pelo comércio lícito na região, com a respectiva produção de bens de troca, como o óleo de palma (o nosso azeite de dendê).

Ainda hoje eles possuem nomes de família como Souza, Silva, Almeida, entre outros, festejam N. S. do Bonfim, dançam a “burrinha” (uma forma arcaica do bumba-meu-boi), fazem desfiles de Carnaval e se reúnem freqüentemente em torno de uma *fejoadá* ou de um *kousidou*. Ainda hoje, é comum os agudás mais velhos se cumprimentarem com um sonoro “*Bom dia, como passou?*” “*Bem, ‘brigado*” é a resposta.

Foram esses “brasileiros” que implantaram a cultura ocidental na região, fizeram as primeiras construções em alvenaria, incluindo a primeira igreja católica, e chegaram mesmo a impor o português como a principal língua ocidental de uso corrente naquela costa africana. A tal ponto foram culturalmente importantes, que as primeiras escolas criadas pela missão católica francesa, em meados do século XIX, ensinavam em português.

A tradição agudá de se vestir à “brasileira” sempre funcionou como um importante indicador de identidade. A maneira de se vestir conserva até hoje, em certa medida, esta função social, como pode ser visto nesta foto em que a Sra. Martins, bisneta de Domingos José Martins, representando Irmandade Brasileira Bom Jesus do Bonfim de Porto Novo, recepciona os “brasileiros” na missa do Bonfim na catedral de Porto Novo, em janeiro de 1995.

A celebração do Bonfim é o principal momento em que a identidade agudá é assumida coletivamente, diante do conjunto da sociedade, marcando a especificidade

deste grupo social. Um dos traços mais destacados desta identidade é ter como modelo a representação de si do brasileiro senhor de escravos do final do século XIX. Em outras palavras, ter “maneiras de branco”, como se diz no Benim, é um elemento-chave na construção da identidade social agudá. Se é verdade que, atualmente, a maneira ocidental de se vestir está completamente assimilada pelas camadas urbanas nesta região da África, no final do século XIX, quando se deu maior onda de retorno, nesta região onde hoje é Benim os agudás eram os únicos africanos vestidos à européia e que cultivavam hábitos como o uso de talheres nas refeições, por exemplo.

O que vemos nesta foto é exatamente a representação desta maneira ocidental de se apresentar, e de atuar socialmente. Vestida à européia, com cabelo alisado, sem lenços ou tranças nos cabelos, a dirigente da Irmandade recebe os visitantes agudás – que se apresentam como ela – com um solene aperto de mão. Esta cena poderia ser em qualquer comunidade de afro-descendentes das Américas, onde os africanos assimilaram os códigos da sociedade dominante para sobreviverem. O que torna especial esta situação é que na cena retratada são africanos que assim se comportam para transformar um passado de escravidão em ganho social que lhes permita retornar, como cidadãos, à sociedade que lhes tinha excluído como mercadoria.

Notas

* Fotógrafo e antropólogo, professor do Instituto de Humanidades da Universidade Candido Mendes (Rio de Janeiro) e autor de *Agudás – os “brasileiros” do Benim* (Rio de Janeiro, ed. Nova Fronteira/Ed. Gama Filho, 2000).